

## **Lembrar de esquecer ou não esquecer de lembrar? A pandemia e o cotidiano escolar**

**Figura 1:** dois estudantes indo à escola durante a pandemia de 1918.



**Fonte:** CNN Brasil, 2020.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/09/26/o-que-a-pandemia-de-gripe-espanhola-de-1918-pode-nos-ensinar-sobre-a-covid-19>, acesso em 01 out. 2020.

**D**urante a pandemia da gripe espanhola em 1918, dois estudantes da Flórida se preparam para ir à escola. O que este registro histórico nos provoca a pensar sobre o cotidiano escolar atual também atravessado por uma pandemia? O que a memória e/ou esquecimento nos faz refletir sobre como nossos cotidianos podem ser alterados de uma hora para a outra em função de um vírus?

**Figura 2:** início do ano letivo na E.M. Orsina da Fonseca



**Fonte:** arquivo pessoal das autoras, 2020.

Mais um ano escolar que começa. No caminho para escola os pensamentos são invadidos por lembranças do tempo em que erámos crianças. Hoje adultas, professoras, mães, tias, filhas, nos deparamos com imagens, cheiros, sensações, lembranças que estão guardadas em nossas mentes e chegam sem pedir licença. São lembranças do ontem, são visões do hoje e projeções para o futuro. Mas qual futuro? Perguntamos-nos.

No começo de 2020, a sensação de rever todos (as) com quem trabalhamos invade nossa mente. O desejo de ver como os (as) alunos (as) estão voltando de quase dois meses de férias faz com que pensemos que pode até parecer pouco tempo, mas para os (as) adolescentes isso faz muita diferença. Mudam os corpos, mudam os estilos de vida, mudam as amizades. Suscita em nós a esperança de que os 10 meses de relação no cotidiano escolar trarão muitas histórias que iremos ouvir, viver, mediar e protagonizar.

**Figura 3:** recepção no Auditório da E. M. Orsina da Fonseca.



**Fonte:** arquivo pessoal das autoras.

O dia é 05 de fevereiro de 2020. Faz sol na Cidade Maravilhosa e sentimos, ao chegar ao portão da escola, que a energia dos (as) adolescentes está em efervescência. Muitos (as) se entreolham, observam os (as) “novos (as) alunos (as)” que chegam; outros (as) se abraçam, muitos (as) já em roda conversam alto e riem muito.

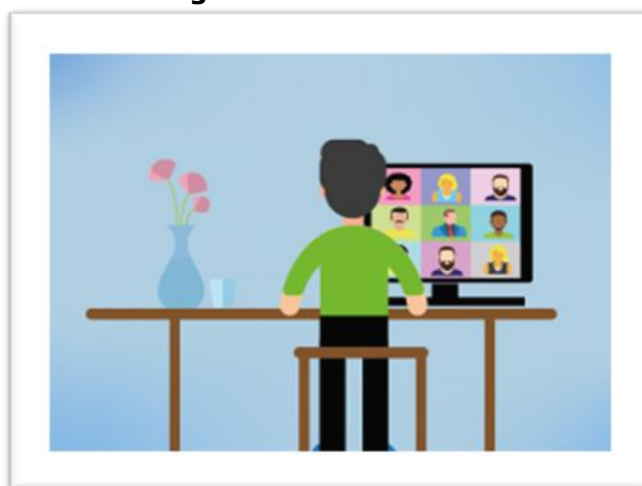
Cada vez que um (a) professor (a) passa pelo portão são ouvidos os gritos ou há corre-corre para cumprimentá-los. Não nos cansamos de olhar, pois ano a ano são essas lembranças que ficam registradas não apenas nas lentes de nossas câmeras fotográficas (hoje nos celulares), como também em nossa memória, que não só registra as imagens, mas sensações, cheiros, olhares, frases e, principalmente, as vozes que se fazem quase irreconhecíveis diante do falatório existente no grande pátio da escola. Escutamos dos (as) docentes: “O primeiro dia é sempre assim”; “Quanta energia, imagino como vão chegar à sala de aula”; “Enfim, o ano letivo começou. Ao longo dos 200 dias letivos teremos muito trabalho!”.

O que ninguém esperava é que a partir de 16 de março o rumo dessa história seria outro e deixaria em nossas “lembranças de escolas” um momento totalmente diferente do que qualquer pessoa que faz parte desta ou de qualquer outra comunidade escolar já viveu. Mas de onde

falamos? Trabalhamos em espaços públicos de educação e que podem ser vistos e entendidos como lugares de resistência, onde todos (as) profissionais envolvidos no processo educacional, juntos, diariamente, fazem com que a palavra superação seja realmente praticada e vivenciada no cotidiano escolar. (CERTEAU, 2008, 202)

A COVID-19 trouxe consigo uma “nova configuração” social, econômica, educativa, tecnológica espacial e temporal que impõe ao mundo profundas mudanças no modo de vida das sociedades. Decorrentes disso, crises se instalam ou são agravadas em diversos setores da sociedade, o que pode ser entendido como sendo “[...] o tempo político e mediático que condiciona o modo como à sociedade contemporânea se apercebe dos riscos que corre [...]” (SANTOS, 2020, n.p). Na educação não foi diferente. O isolamento social impôs o fechamento instituições educativas como medida para reduzir chances de contágio pela interação e colapsar os sistemas de saúde.

**Figura 4:** ensino remoto



**Fonte:** site da UFJF. Disponível em: [www2.ufjf.br](http://www2.ufjf.br). Acesso em 01 out. 2020.

Que tipo de lembrança nos é possível tecer da escola no ano de 2020 diante da pandemia? O cotidiano escolar, sua presencialidade, seu calor humano e suas interações tão naturalizados em nossas memórias deu lugar a uma realidade remota, diante de um isolamento social e escolar nunca visto. Por quanto tempo mais estaremos longe do que antes nos era tão próximo? Teremos de volta à escola que conhecemos e

guardamos na memória? Não sabemos. Trouxemos um resgate de um fato histórico há pouco tão distante de nós. Sim, outra época, outro vírus, cotidianos com máscaras. Iniciamos mais um ano letivo, que vai terminar diferente de tudo que conhecemos, mas que ainda não findou. 203 dias de isolamento. 203 dias vivendo uma realidade virtual, remota, afastada das relações presenciais que conhecíamos. Traçamos aqui a narrativa deste cotidiano, suas lembranças, memórias e incertezas como forma de registro deste tempo, desta escola.

### **Referências:**

**CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.**

**SANTOS, Boaventura de Sousa. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Almedina, 2020.**

### **Sobre as autoras:**

**Regina Trindade é doutoranda da Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ São Gonçalo, no Programa de Pós-Graduação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.**

**Teresa Alves é doutoranda da Faculdade de Formação de Professores- FFP/UERJ São Gonçalo, no Programa de Pós-Graduação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.**